

2

REELABORAÇÃO  
DO ÊXTASE  
PENTECOSTAL A  
PARTIR DA  
INFLUÊNCIA AFRO-  
BRASILEIRA

**Fabiano Aparecido Costa Leite**  
Mestre em Ciências das Religiões pela  
Faculdade Unida de Vitória.

## RESUMO

Dentro de uma sociedade permeada pela diversidade religiosa o trânsito religioso proporciona um viés não só de conversão, mas de estreitamento de fronteiras. O forte deslocamento de uma massa de fiéis oriundos de uma matriz religiosa em um curto espaço de tempo faz com que seus sistemas de mitos e ritos exerçam, de forma consciente ou inconsciente, papel relevante dentro do novo núcleo religioso. Neste contexto diversas práticas religiosas afro-brasileiras têm contribuído para a reelaboração do êxtase de diversas ramificações pentecostais a partir das construções simbólicas dos seus novos adeptos criando novas possibilidades de liberdades religiosas anteriormente perseguidas e reprimidas.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo; Religiões Afro-brasileiras; Êxtase.

## INTRODUÇÃO

A matriz religiosa brasileira é marcada pelo encontro de três grandes matrizes culturais (Bittencourt Filho, 2003), os indígenas como habitantes já assentados, os portugueses com a iniciativa de colonização para exploração comercial e os africanos através da escravidão marcada pela diáspora negra (Russell-Wood, 2001) e marcaram de forma decisiva os movimentos religiosos brasileiros, e a partir desses diversos encontros, disputas e choques culturais diversas religiões no Brasil não tiveram continuidade, outras foram criadas e inúmeras modificadas neste percurso de aproximações e recuos.

## UM POUCO DE HISTÓRIA

As religiões africanas foram uma das que mais sofreram transformações, ligadas diretamente a violência imposta pela escravidão e pelo padroado na tentativa de destituição da sua sociedade sobre diversos aspectos: o recebimento de nomes ocidentais, a separação dos membros familiares e sociais e a demonização das suas tradições, entres diversas outras ações, fizeram com que a maioria das religiões africanas não resistisse nos seus

formatos originais, dando lugar a novos modelos religiosos. Assim surgiram em diversos locais do Brasil o batuque, candomblé, tambor de Mina, *terecó* e *xangô* entre outros, mas os elementos básicos não foram apagados e continuaram a exercer papel relevante dentro dessas religiões.

Já as religiões cristãs protestantes não participaram ativamente da criação dessa matriz religiosa. Fixaram-se tardiamente e sua intenção primeira não era realizar um movimento de evangelização mas dar alicerce religioso para diversas comunidades protestantes que se fixavam no Brasil devido à forte resistência católica contra a possibilidade do protestantismo:

Naturalmente, os contínuos fracassos por parte dos protestantes para se estabelecer no Brasil Colônia não se devem só à tenaz oposição por parte da igreja católica[...]. Vale ainda considerar o fato de que a resistência portuguesa aos invasores era feita não somente em nome da soberania política e de seus interesses comerciais, mas também na defesa de sua fé contra as heresias (Mendonça, 1995).

O relato da criação do movimento pentecostal moderno aceito pela maioria dos seus adeptos ocorre em 1906 na rua Azuza (Estados Unidos da América) e nesta época no Brasil já existia uma consolidação da religiosidade católica de veneração aos santos enquanto cristã, e de cultos aos orixás enquanto africana e um protestantismo incipiente<sup>1</sup>.

O pentecostalismo brasileiro encontra terreno fértil para disseminar-se e um dos primeiros sincretismos que adota, assim como os católicos, é transformar o orixá Exu no demônio cristão. Embora o sincretismo normalmente esteja voltado ao estudo a partir das religiões afro-brasileiras, compartilhamos a visão de Ferretti sobre a questão:

---

<sup>1</sup> Nossas questões estão ligadas principalmente ao século XXI e por isso não vamos nos aprofundar em todos os processos que estabeleceram o pentecostalismo no Brasil até o momento, mas situá-lo dentro do contexto histórico brasileiro.

[...] a presença do sincretismo não descaracteriza a tradicionalidade da religião, pois além de a tradição ser dinâmica, os “sincretismos” se fazem com base em elementos constitutivos preexistentes, de acordo com o contexto histórico (Ferretti, 1995).

Podemos entender que a absorção de influências ocorrem em todas as direções, se uma formação religiosa utiliza-se dos símbolos do outro para explicar a si mesmo este processo pode ser caracterizado como sincretismo como apoderar-se, neste caso uma entidade mítica de outra religião, a partir da sua perspectiva desconsiderando o significado inicial para a outra religião.

Esse processo de sincretismo fortaleceu durante anos a campanha missionária de conversão das populações oriundas das religiões afro-brasileiras, uma vez que o pentecostalismo até o início do século XXI esteve presente praticamente na população de baixa renda brasileira (Mariano, 2005), pois nas camadas sociais mais favorecidas os discursos protestantes tinham maior penetração por se posicionar para fora o ambiente místico e fornecendo explicações religiosas baseadas na moralidade e aspectos filosóficos, onde o desencantamento do mundo<sup>2</sup> penetrou de forma mais efetiva no Brasil.

As principais vertentes das expressões religiosas do pentecostalismo estiveram à frente de um processo de ataque progressivo as religiões afro-brasileiras com o discurso de uma religiosidade demoníaca e que necessitava que seus adeptos fossem convertidos. Embora o catolicismo mantivesse este mesmo olhar, livros como “posição católico perante a umbanda” (Kloppenburger) não tinha o mesmo vigor dos ataques de livros como “os deuses da umbanda” (Itioka). Juntos com a literatura os pentecostais midiáticos utilizavam considerável tempo de sua programação para repensar as religiões

---

<sup>2</sup> Desencantamento no sentido de afastamento da magia devido ao desenvolvimento das necessidades básicas humanas que estabelecem um bem estar que elimina a necessidade de fatores metafísicos para serem concedidos (WEBER, 2001)

afro-brasileiras a partir da sua própria teologia, primeiro como meta de enfraquecer esses movimentos e como segunda etapa trazer seus adeptos para suas próprias congregações.

Nas décadas finais do século XX, o pensamento pentecostal intitulado “teologia da prosperidade” cria diversas ações que iniciaram um fluxo de novos convertidos das religiões afro-brasileiras em direção as suas congregações, onde enfatizava a possibilidade da prosperidade terrena quanto a enfermidades, riqueza e emprego, que não era novidade para esses religiosos que já buscavam em diversos cultos afro-brasileiros essas mesmas questões urgentes. Agregado a essa prosperidade, seus adeptos ainda mantinham a possibilidade do pertencimento em um grupo seletivo de escolhido para além da vida terrena, uma possibilidade de eternidade “melhor” que estava acima das possibilidades desses cultos afro-brasileiros:

Daí seus cultos basearem-se na oferta especializada de serviços mágico-religiosos, de cunho terapêutico e taumatúrgico, centrados em promessas de concessão divina de prosperidade material, cura física e emocional e de resolução de problemas familiares, afetivos, amorosos e de sociabilidade. Oferta sob medida para atender a demandas de quem crê que pode se dar bem nesta vida e neste mundo recorrendo a instituições intermediárias de forças sobrenaturais (MARIANO, 2004).

Diferentemente dos pentecostais tradicionais, esse pentecostalismo emergente não se orientava por costumes de santidade ou ascetismo como noção de vida religiosa, além de não manter um sistema de aprendizado sistemático da sua liturgia como priorizavam os protestantes históricos. Se suas ações permitiam um trânsito facilitado para o tempo profano valorizando apenas o pagamento do dízimo como peça chave para manter-se no tempo sagrado, a participação nos cultos, nos templos ou televisivos, era a única necessidade para o aprendizado teológico das suas religiosidades.

Junto com esse movimento, que aumentava de forma contundente no Brasil, uma nova modalidade de pentecostais surgia utilizando-se dos mesmos mecanismos de crescimento: O pentecostalismo autônomo.

Esse pentecostalismo autônomo é o movimento que dá nova roupagem ao pentecostalismo: não existe mais a figura dos grandes dirigentes, o carismático agora é o pastor, a pastora, o missionário, a profetiza. Esse movimento se caracteriza pela criação de núcleos religiosos, normalmente espaços reduzidos, com pequenas aglomerações e que a dinâmica dos cultos está ligada ao ponto máximo do êxtase, onde a presença do espírito santo emana em seus seguidores que são remetidos a um estado de alteração da consciência que testificam seu contato com o plano espiritual.

### REELABORANDO O ÊXTASE

Diversos movimentos pentecostais adotam em seus cultos “a vida do Espírito”:

Quando uma pessoa está vivendo a vida do Espírito, sabe por experiência que o Espírito Santo está nela. Não precisa “aceitar isso na fé”, no sentido de crer sem qualquer experiência que o prove. Quando uma pessoa está vivendo a vida do Espírito, começa a experimentar o Espírito Santo agindo de forma a permitir-lhe louvar a Deus e adorá-lo com uma nova liberdade (CLARK, 1994).

Nesta perspectiva o religioso procura essa interação com seu sagrado na intenção de testemunho inequívoco para si e para o grupo social. Se a fé faz com que o religioso estabeleça um vínculo exclusivamente interno, de si para si com o sagrado, em um sentimento ambíguo de certeza e dúvida do seu elo com Deus, a experiência religiosa do êxtase cria o vínculo de si para a comunidade religiosa, reivindica o elo exposto, a comunhão incontestada permitida aos eleitos, a liberdade do agir no espírito está emancipada da congregação, pois o

agir não é mais do homem, permite ser invadido, alterado e levado involuntariamente a agir pelo Espírito Santo.

Porém, esse êxtase não está totalmente elaborado nos textos bíblicos: “Quando os dois chegaram, oraram para que a gene de Samaria recebesse o Espírito Santo” (Atos 8.15). Ou ainda: “E Pedro continuou: Quando comecei a falar, o Espírito Santo veio sobre eles, como tinha vindo sobre nós no princípio” (Atos 11.15). A falta de relatos detalhados sobre como se dá esse processo de êxtase faz com que a cena da enunciação fique a cargo da comunidade enunciativa: “A enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem” (MAINGUENEAU, 1989).

Sendo a construção de sentido uma forma de se reconhecer o contato espiritual, e ao mesmo tempo essa construção está repleta de lacunas de como elaborar a cena, ocorrerá em diversas congregações a hipóteses de recorrer ao conhecimento prévio do que se reconhece como fonte de legitimidade das influências metafísicas em seus cultos. Observamos que em grande parte das comunidades pentecostais o diabo já estava sincretizado com o exu e a pomba-gira da umbanda<sup>3</sup>, aproveitando-se da concepção de verdade da incorporação possível desse tipo de entidade, mas não reelaborando totalmente esse tipo de manifestação<sup>4</sup>, e sim criando algumas mudanças teológicas para compatibilizar com sua ortodoxia.

---

<sup>3</sup> Em diversos relatos de incorporação desse tipo de manifestação espiritual nas igrejas pentecostais o arquétipo é sempre reproduzido: mãos para trás em forma de garras para os exus e mãos na cintura e fala debochada para as pombas-gira.

<sup>4</sup> Em diversos cultos afro-brasileiros existe também a possibilidade desses mesmos arquétipos espirituais comumente chamados de exus-pagãos, que seriam uma classe de exus que fariam o mal para as pessoas em detrimento dos exus coroados que corresponderiam aos que praticam o bem.

Ao se aproveitar de uma possibilidade de outra religião, que já está solidificada dentro do imaginário popular brasileiro, permitem que novas interpretações sejam realizadas nas demais teologias envolvidas:

Nos pentecostalismos latino-americanos a questão apresenta-se como um grande desafio teórico: ou essas religiões constroem a sua identidade sem referências espaciais ou carecem de identidades permanentes, o que levaria a questão das identidades efêmeras (RIVERA, 2000).

Essa identidade efêmera pode ser identificada a partir da rápida absorção de novos convertidos para suas fileiras acrescentando-se a falta de estudos sistemáticos sobre sua própria teologia, onde se estabelece os conceitos mínimos para a aceitação dos êxtases mas que são preenchidos com todo arcabouço teológico de outras expressões religiosas. Com isso da mesma forma que é natural para um leigo observar um exú dentro da sua congregação, observar o êxtase do espírito santo a partir do imaginário dos orixás não lhe é estranho, pois de certa forma os processos teológicos estão parcialmente presentes e o modelo de aprendizado das práticas a partir da oralidade, práticas e observação ainda estão lá constituídas.

Diversos vídeos podem ser encontrados na internet sobre esse tema, vamos destacar alguns que podem servir de base para nossa hipótese.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Embora existam diversas correntes antropológicas discutindo a relevância de vídeos na internet como fonte para uma etnografia confiável por já ser um recorte ideológico da pessoa que posta, esse recorte já é produzido pelas entrevistas, pelas pessoas que são observadas e pelo próprio pesquisador. Por isso entendemos que a utilização pontual desses vídeos é de importância significativa, mas não de completo teor da realidade das comunidades sociais envolvidas.



## A liturgia do êxtase



Vídeo 01 - <http://www.youtube.com/watch?v=srie6RoiLV4> Fonte: YouTube.

Podemos observar que as mulheres, assim como no candomblé, têm função sacerdotal proeminente, estão todas uniformizadas e sua dança de êxtase ocorre em giros, onde a manifestação dos corpos ocorre conforme seu encontro pessoal, algumas elevam as mãos, outras as movimentam pela cintura. Existem aquelas que estão em êxtase e aquelas que dão sustentação ao êxtase, a princípio, por noção de capacidade de realização desse êxtase, pois para as que não estão com desenvoltura totalmente asseguradas são apoiadas, mantidas dentro de um círculo de pessoas com as mãos dadas, já outras são deixadas totalmente à vontade caracterizando sua capacidade de permanência dentro do êxtase. Um fato marcante é que a música é marcada pela cultura afro-brasileira, mesmo que em negação, assumem as possibilidades de entidades dessas religiões: “Elas não são de orixás nem de Iemanjá, a tua família é de Jeová”.

De certa forma os interdiscursos entre essas duas religiões invadem os domínios desse modelo de culto, tendo que ser explicado a partir da música suas diferenças teológicas significativas, por terem uma cenografia aproximada.

### O processo involuntário do êxtase



Vídeo 02 - <http://www.youtube.com/watch?v=dxBAieoZNYM> Fonte: YouTube

O êxtase neste vídeo tem duas formas de elaboração: A primeira com a mulher no fundo da congregação que se propõem ao êxtase, mas não aceita o mesmo, tentando manter-se fora dos gestos involuntários (ou não conseguindo manter-se nele) e com isso entrando e saindo diversas vezes no estado alterado de consciência. Esse processo é vastamente reconhecido na Umbanda como o médium em desenvolvimento com medo da remoção do seu estado consciente e que luta durante algum tempo para equilibrar-se nestes dois estados até aceitar plenamente esse estado alterado de consciência.

Em outra parte da liturgia a pessoa responsável por manter o êxtase retira uma pessoa que estava apenas observando e a chama

para participar, primeiro colocando-a em evidência e depois realizando, na mesma, rodopios para que esta praticasse o êxtase, comum também na Umbanda o que se chama de gira de desenvolvimento, onde a pessoa gira diversas vezes sobre seu próprio eixo para “facilitar” a incorporação.

Observamos que nestes dois casos o êxtase não conseguiu realizar totalmente suas ações, nos dois momentos houve recusa em permitir a manifestação conforme é o acordo litúrgico do ambiente, mesmo que reconhecido como correto por todos, a partir do aceite tácito da pessoa principal em êxtase, mas não desejado naquele momento por alguns dos seus membros.

### O discurso do corpo



Vídeo 03 - <http://www.youtube.com/watch?v=2NgD5w0B-vY> Fonte: YouTube.

Neste vídeo o reconhecimento do êxtase passa não só pela música, mas pelo discurso do corpo. A forma com que a pessoa projeta seu corpo enquanto em estado alterado de consciência enfatiza sua capacidade de ligação com o sagrado. Como esse processo não é preestabelecido, as barreiras do imaginário popular permitem estreitar até certo ponto o que é manifestação espiritual pentecostal ou afro-brasileira. Se o estralar de dedos é uma característica exclusiva de diversos cultos afro-brasileiros, o bates de palmas repetidamente sem uma cadência musical pode ser compartilhado entre as duas estruturas religiosas sem com isso criar maiores atritos, embora exista na Umbanda uma explicação teológica para esse processo em um preto-velho, não temos como avaliar a intenção dessa pessoa do vídeo, nem fazer um estudo de recepção para entender como as pessoas a sua volta entendem esse processo, mas é claro para nós que esse é uma forma de expressar um discurso do corpo, assim como na Umbanda, para determinar o início de êxtase específico.

### Ritualísticas



Vídeo 04 - <http://www.youtube.com/watch?v=RwBIXbv81RE> Fonte: YouTube.

Neste vídeo o sistema de ritualística da pastora invade os comportamentos afro-brasileiros, pois se não existe na bíblia nenhuma menção a raspar a cabeça de uma mulher, em diversas congregações cristãs apenas a possibilidade de deixa-lo curto é um desrespeito aos seus dogmas.

No entanto a pastora revela que isso é um rito de passagem em que ela a partir de então será “herdeira de uma herança (sic)” e completa que no momento de raspar a cabeça Deus estará provendo sobre todas as pessoas que ela cuida. Esse processo é tradicional no Candomblé, onde a feitura de santo representa um renascimento e ela se transformará em uma Yàwó e é evidenciada pela raspagem do cabelo (orô). Mesmo que em 1 Coríntios 11.15 seja sempre mencionado por diversas congregações para não permitir o corte curto do cabelo, a pastora nesta iniciação promove a raspagem integral da cabeça como algo louvável e digno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sistemas religiosos brasileiros são altamente místicos, mágicos e simbólicos, e o pentecostalismo mesmo com pouco tempo no Brasil, foi capaz de aproveitar a construção religiosa da sua população brasileira. Sua estrutura do sagrado através da experimentação ao invés da razão, do misticismo em detrimento ao conhecimento da teologia, a comprovação pelo êxtase e não pela fé transforma essa religiosidade em uma das que mais crescem no Brasil. Da mesma forma que o espiritismo kardecista se manteve quase que exclusivamente nos ambientes da classe média brasileira e a umbanda e o candomblé se disseminaram nas populações de baixa renda, o mesmo ocorreu com o protestantismo histórico em relação aos pentecostais.

A grande diferença neste caso é que enquanto a classe média a legitimação das teologias se enquadra dentro dos processos filosóficos

e de estudo e por isso as relações de fronteira são muito mais observáveis pelos fieis das religiões, nas populações de baixa renda as fronteiras não são tão estruturadas, a formação básica das liturgias se perpassam e os pensamentos teológicos de diversas correntes são utilizados para preencher a lacuna de movimentos que não prezam pelos estudos sistemáticos.

Nossa hipótese é que esse pentecostalismo autônomo que utiliza-se de diversos elementos afro-brasileiros está se movimentando para uma prática litúrgica, mágica e mística para primeiro estabelecer relações de verdades teológicas através do seu próprio imaginário construído durante anos de contato com diversas formas religiosas, e em segunda análise que seu desejo de contato espiritual possa ser promovido sem sofrer o ataque cristão de demonização, pois agora, estão eles também eleitos por Deus.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira*. Petrópolis: Koinonia, 2003.
- CLARK, S. B. *Batizados no Espírito Santo*. São Paulo: Loyola, 1994.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. 1995. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: EdUSP, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. [ed.] Pontes. Campinas : s.n., 1989.
- MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. [Online] 2004. [Citado em: 2014 de 03 de 15.] [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300010&script=sci_arttext).
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais - Sociologia do novo pentecostalismo brasileiro*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste e porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: EdUsp, 1995.

- RIVERA, Dario Paulo barreira. Religião e tradição a partir da sociologia da memória de Maurice Halbwachs. *Numen*. Juiz de Fora: UFJF, 2000,
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. A través de um prisma africano: uma nova abordagem ao estudo da diáspora africana no Brasil Colonial. *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal*. [Online] 2001. [Citado em: 02 de 11 de 2013.] <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167018164002>.
- WEBER, Max. *A Ética Prot estante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martins Claret, 2001.
- WULFHORST, Ingo. O Pentecost alismo no Brasil. *Periódicos EST*. [Online] EST, 1995. [Citado em: 2014 de 07 de 10.]

**Fabiano Aparecido Costa Leite**

Mestre em Ciências das Religiões (UNIDA),  
Pós-graduado em Ciências das Religiões (UNIDA),  
Graduado em Marketing (UNESA).

**COMO CITAR ESTE ARTIGO**

COSTA LEITE, Fabiano Aparecido. "Reelaboração do êxtase pentecostal a partir da influência afro-brasileira". *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 2, jul.-dez., 2014, p. 11-24. Disponível na Internet: < <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.